

O Prefácio do Elefante:

Uma coleção de prefácios



Mayara Victor



Prefácio

A primeira coisa que colecionei na vida foi pedra. Guardava pedras de todos os tipos! Das redondinhas e polidas às ásperas e disformes, depois colecionei cartão telefônico, depois fotografias “roubadas” de álbuns virtuais de desconhecidos na internet, depois folhas e flores secas, depois fitas de cetim de presentes que me davam, depois sementes, depois histórias de família, depois parei.

Parei até que colecionar veio a mim como obrigação acadêmica, uma proposta feita pela queridíssima professora Luciana Salazar Salgado na disciplina optativa *Tratamento Editorial de Textos* do bacharelado em *Linguística* da Universidade Federal de São Carlos, onde insisto em permanecer matriculada.

- *Vocês farão uma coleção de prefácios* - ela afirmou com brilho nos olhos, aquele brilho de quem sabe mais e anseia por compartilhar. No fim daquele semestre nos deu a tarefa de prefaciar nossas coleções, a Bíblia teria o rei dos reis e nós o prefácio dos prefácios. Foi assim que nasceu este livro, de uma tarefa universitária bem elaborada.

No começo não conseguia me decidir a respeito de qual seria o meu critério de coleção, se prefácios dos livros que mais amava, se dos livros que tinha em casa, se de algum autor estimado. Não consegui me decidir até que encontrei um caderno de receitas antigo, pertenceu à madrinha da minha sogra, é um daqueles cadernos amarelados com “cara” de que já se encontraram com toda sorte de ingredientes e por encontrar eu quero dizer quase foram destruídos por eles. Faz parte de quem eu sou ser atraída por esse tipo de objeto com essa aparência de história cotidiana alheia. Quando abri vi na primeira página o que eu considerei um prefácio:

“Deus ajude-nos para
que possamos vencer na vida”

12-02-61

“Entre 61 e 68 os meus
primeiros anos de casada
experimentei quase todas receitas deste caderno
em nenhuma houve falhas”

29-12-68

Marina

Estava decidida, minha coleção seria de prefácios de livros de receita. Infelizmente não pude encontrar tantos quanto queria, a biblioteca estava em greve, eu não tinha dinheiro pra comprar os livros e nem estava perto o suficiente dos familiares que podiam me emprestar alguns. Acabei fazendo a carteirinha da biblioteca municipal para resolver

o meu dilema acadêmico. Depois de olhar todas as estantes da sessão para adultos me deparei com as prateleiras da coleção *Primeiros Passos*. Naquele momento estabeleci um novo critério de coleção: eu mesma. Eu sou o elefante e esse prefácio é sobre mim e sobre a minha coleção.

Colhi dali os prefácios dos assuntos que mais me liam, porque sou dessas que acreditam que não somente lemos os livros e as coisas, mas também somos lidos por eles e por elas no momento em que nos atingem de alguma forma, seja por sua beleza, ou seja pela dor que carregam e refletem. Escolhi, portanto, os seguintes assuntos: teatro, música, igreja, família, utopia, literatura, suicídio e arte. São estas as partes deste livro, alguns são temas sobre os quais eu gostaria de dissertar com destreza, outros que me remetem a fatos da minha vida, sigo então, justificando minhas escolhas.

Escolhi “teatro” porque já quis ser atriz um dia, não pela glória, ou pela fama. Eu não desejava ser do tipo atriz “global”, atriz “fast food” eu tinha vontade de fazer teatro de rua, de ser outros, de convencer sendo esses outros e quem sabe tocar e fazer minha plateia pensar fazer mudanças sociais. Eu queria ser a criada divertida do *Doente Imaginário* de Molière, a Carmela de *Bella Ciao*, a Joana D’arc recriada pela companhia *Brava*. Concordo com Fernando Peixoto quando diz que o teatro pode ser útil para a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática, pois é ele quem põe em reflexão o pensamento e a ação.

Escolhi “música” porque ela me escolheu. Minha mãe conta que nasci ao som de forró. Sou nordestina “fulera”, não como rapadura nem danço forró, mas a música com certeza está em mim desde que posso me lembrar. Atualmente tenho um piano, um violoncelo e um violão, deste último não arranco nem a nota mais piedosa, não que dos outros dois eu seja especialista, mas já consigo fazer alguma coisa que parece música. É como J. Jota de Moraes afirma, música é movimento, e pra mim às vezes é realmente o que me move, o que me tira da tristeza, ou que me ajuda a faxinar a casa.

“Igreja”, porque já fiz parte de uma e gosto de falar sobre isso, inclusive foi lá que aprendi o pouco de música que sei. Nunca vou esquecer o que fizeram pela minha família, lembro bem que na fase da maior “pindaíba” a comunidade nos deixou morar na casa pastoral por um ano inteiro sem precisarmos pagar o aluguel. Meus pais estavam desempregados, mas não faltava nada, numa ocasião ganhamos três cestas básicas dos irmãos, tínhamos comida ao ponto de dividir de novo e de novo. O irmão Everaldo que trabalhava na padaria real, trazia pão todo dia, vinha de bicicleta e ficava lá em casa um tempão conversando com a gente. “Repartir o pão” ganhava um sentido vivo naquele ato. Quando eu cresci percebi que ser cristão exigia muito mais que isso. Dúvidas não eram bem vindas, então deixei a igreja para poder me questionar. Isso foi algo que aprendi sobre as igrejas, algo que prefácio nenhum, nem livro inteiro me ensinaram:

todas as igrejas acham que estão perfeitamente certas em suas interpretações sobre o mundo e sobre a Bíblia. Enfim, fui procurar por palavras que ainda não tinham sido postas na boca de Deus. O que me levou a uma briga com a minha família. Minha família tinha mais certeza do que eu a respeito do que Deus queria pra minha vida.

“Família”, porque vim de uma e pretendo formar outra. De fato, Danda Prado tem razão quando diz que há muitos tipos de família. Eu vim de uma muito diferente da qual estou prestes a formar. Serei o que chamam de madrastra, apesar de estar sempre alternando três papéis distintos: o de mãe, o de amiga e o de tia. Gosto de poder ser todas essas coisas ao mesmo tempo. Mas no início a minha família não apoiou essa minha decisão, eu lembro de ter ouvido palavras como adultério, sobejo e inferno. De certa forma quebrei os sonhos deles pra construir os meus. Atualmente eles me respeitam como uma mulher adulta que tem o direito de decidir a própria vida.

“Utopia”, porque já comecei a ler Thomas Morus uma vez e não terminei. Porque a ideia de que as mulheres são gente e podem mandar na própria vida já foi uma utopia. Para Teixeira Coelho a imaginação utópica é a ponte que liga o sonho e a vida. É força que faz materializar um desejo forte, que abre a porta para o sucesso, mas não um sucesso individual, um sucesso futuro e coletivo. Eu ainda acredito que as pessoas podem trabalhar e criar conjuntamente. Portanto eu tenho uma utopia, uma crença numa outra vida que ainda não é esta.

“Literatura”, porque uma vez eu li Sartre e gravei comigo a ideia de que a literatura requisita liberdade. A liberdade que um leitor tem de abrir ou não a obra de um autor, liberdade de participar da verossimilhança daquela realidade outra criada ali. Uma liberdade que se faz no momento da escolha de ficar preso a uma história, de lê-la até o fim. Eu tenho vontade de fazer literatura um dia. De despertar essa vontade no outro de se prender ao que eu digo. Dizer coisas interessantes, ou fazer das coisas banais da minha vida motes universais. Criar mundos mistos de fatos e imaginação. Quem dera fazer da minha falecida avó literatura. Minha avó pra mim é importante, mas eu gostaria que a vissem nela suas próprias avós, que assim ela fosse todas as avós do mundo. Comover o mundo com a minha avó. Era uma mulher simples e sofrida, mas criativa. A mulher saía em dia de feira pedindo restos de comida pros patinhos de estimação dela, quando perguntavam quantos eram os patos, ela dizia o número dos filhos. Eram 7. E de fato aqueles restos eram pra eles. Era assim que minha avó driblava a “pindaíba”. Já meu avô saía pra pescar e voltava com o samburá cheio de galinha que acabava roubando dos vizinhos pelo caminho. Minha avó mentirosa e meu avô ladrão. Ah se eu pudesse fazer literatura desse prefácio de prefácios.

“Suicídio”, porque perdi alguém assim. E não foi fácil lidar com o fato de que eu não pude impedir. Foi quando eu comecei a fazer terapia. A verdade é que eu nunca vou

esquecer a Rosinha. E o fato de que ela decidiu dar cabo da própria vida. Acho que eu devo isso a ela. O interessante é que eu vivi o drama dela por muito tempo, chorei a morte dela como se fosse culpa minha, chorei a minha vida como se fosse a morte dela e quase me enterrei junto. Eu estava vivendo o drama dela e não o meu. Era uma desculpa pra não olhar pra mim mesma e descobrir o que tinha de errado, o que tinha de bom, o que eu podia melhorar. Eu tinha medo de dormir porque não queria sonhar. Foi quando a Laura, minha psicanalista, me comparou a um elefante de circo preso numa cordinha fraca numa cadeira mais fraca ainda. Os elefantes são condicionados assim, quando pequenos são presos a algo que realmente tem força de segurá-los, então depois de um tempo desistem de se soltar. Quando estão velhos não é mais necessário prendê-los a algo forte de verdade. Eles perdem a noção da verdadeira força que tem. A notícia boa é que mesmo com esse meio eficaz ainda vemos elefantes fugindo dos circos. Eu sou um elefante que estava preso a uma porção de regras sem sentido (muitas religiosas) que minaram a minha autoestima e minha crença em mim mesma. Presa ao medo de machucar as pessoas ao fugir do “circo”. A verdade é que eu fujo do circo todos dias e que já machuquei muita gente boa no processo. Ainda tenho medo de me expor, o que é bem contraditório pra alguém como eu que tem vontade de ser artista. De ser visto. Outra coisa que aprendi na minha “mini” vida, todo artista é um pouco narcisista e por isso se ama bastante. Em algum momento perdi um bocado desse amor.

“Arte”, porque às vezes quero ser como narciso, admirar a mim mesma e quão bela posso ser, ou quão belas são as coisas que podem vir de mim. Devo aprender a nadar antes, quem sabe assim evito morrer afogada como o mito. Sei que arte não é necessariamente o belo, como afirmou Jorge Coli até uma privada pode ser tida por arte. Acredito que a arte está em causar reações, impressões e sentimentos. Mesmo que variem de ternura a pavor.

É isto, este é um livro de prefácios que refletem as vontades, as utopias e os medos de um elefante em processo de fuga do circo.

Mayara Victor

Sumário

Caderno de receita	Página 01
O que é teatro?	Página 02
O que é música?	Página 05
O que é igreja?	Página 11
O que é família?	Página 14
O que é utopia?	Página 23
O que é literatura?	Página 31
O que é suicídio?	Página 35
O que é arte?	Página 38

Deus ajude-nos para
que possamos vencer na vida
12-2-61-

Entre 61 a 68 os meus
primeiros anos de casado
experimentei quasi todas as
recitas deste caderno
em nenhuma houve falha

29.12.68

Marina

Coleção Primeiros Passos

Fernando Peixoto • O que é TEATRO

Fernando Peixoto

O que é TEATRO



GE
056
P95pm
v.79 e.1

79

Nova Cultural / Brasiliense

APRESENTAÇÃO

Este livro é uma introdução breve e esquemática a um tema imenso e complexo. O teatro inúmeras vezes parece uma expressão em crise. Em certas épocas quase perde o sentido. Em outras é perseguido. Às vezes refugia-se em pequenas salas escuras, às vezes sai para as ruas e redescobre a luz do sol. Sua função social tem sido constantemente redefinida. Desde muitos séculos antes de nossa era até hoje, nunca deixou de existir: há algum impulso no homem, desde seus primórdios, que necessita deste instrumento de diversão e conhecimento, prazer e denúncia.

Este livro apenas menciona, arriscando simplificar, temas profundos e contraditórios. Quando defende certos valores, sabe que é justo que também estes valores sejam questionados para nada ser aceito como verdade absoluta. Neste sentido, o livro é também uma proposta.

São três partes: a primeira coloca em questão como definir teatro, quando seu significado se transforma junto com a sociedade na qual se insere e da qual é parte; a segunda procura acompanhar uma das infinitas hipóteses do que seria fazer teatro; a terceira esboça, em linhas perigosamente simplificadas, algumas das tendências mais reconhecíveis da trajetória do espetáculo e da dramaturgia, procurando inclusive inserir o teatro brasileiro nesta perspectiva. Dentro destes limites, esperamos que este livro possa despertar dúvidas e interrogações. Principalmente no Brasil, hoje, é preciso repensar criticamente pensamento e ação. Para o teatro vir a ser útil à construção de uma sociedade democrática.

Coleção Primeiros Passos

J. Jota de Moraes

O que é MÚSICA

GE
056
295m
7.75e.1



75

Nova Cultural / Brasiliense

significa, há um livro sobre música escrito por um dos
maiores músicos do Brasil.

Se não sabe ouvir um músico — e por que não? —
talvez poderá ser músico. Não seria impossível
fazer a partir de certos padrões de movimento
combinados por determinadas estruturas, mas
isso é uma tarefa muito difícil, porque
é preciso ter um senso muito aguçado que

E POR QUE NÃO?

Para muita gente — inclusive para quem fisiolo-
gicamente não pode ouvir — tudo pode ser música:
o movimento mudo das constelações em contínua
expansão, a escola que passa sambando, um jogo,
o pulsar cadenciado do coração seu ou alheio,
um rito, um grito, o canto coletivo que dá mais
força ao trabalho. E mais: uma confissão sincera
ou não, uma viagem, uma aventura; o lazer e
o fazer. E ainda: conversas, o estar atento àquele
que domina o seu instrumento, o misturar-se
às ondas do mar ou à multidão re-unida na praça,
o tentar compreender uma construção, o imaginar
num átimo a agitação dos átomos. Isso tudo
também pode ser música. . .

Pois música é, antes de mais nada, movimento.
E sentimento ou consciência do espaço-tempo.
Ritmo; sons, silêncios e ruídos; estruturas que

engendram formas vivas. Música é igualmente tensão e relaxamento, expectativa preenchida ou não, organização e liberdade de abolir uma ordem escolhida; controle e acaso. Música: alturas, intensidades, timbres e durações — peculiar maneira de sentir e de pensar. A música que mais me interessa, por exemplo, é aquela que me propõe novas maneiras de sentir e de pensar. Algo assim como ouvir, ver, viver: "ouviver a música", na expressão concentrada do poeta e teórico da informação Décio Pignatari.

É por isso que se pode perceber música não apenas naquilo que o hábito convencionou chamar de música, mas — e sobretudo — onde existe a mão do ser humano, a invenção. Invenção de linguagens: formas de ver, representar, transfigurar e de transformar o mundo.

Assim, posso ver música nos poemas (concretas constelações de palavras?) de Haroldo de Campos, nas pinturas de Alfredo Volpi (bandeirinhas, janelas ou a cor na sua própria materialidade?), no teatro ácido de Oswald de Andrade (onde não existe defasagem entre crítica da sociedade e crítica da linguagem) ou nas barrocas óperas assinadas por Glauber Rocha e etiquetadas, por simples conforto, de cinema.

Embora autônomas, essas linguagens costumam dialogar entre si, proporcionando pistas a respeito da maneira de ser umas das outras, intersemioticamente. (Sobre Semiótica, a teoria geral dos

signos, há um livro nesta mesma coleção a cargo de M. L. Santaella).

Já que tudo pode ser música — e por que não? — todos podem ser músicos. Não apenas compondo obras a partir de certos padrões já devidamente catalogados por determinada tradição, mas também inventando novos processos composicionais. E não deixa de ser músico aquele que interpreta uma obra alheia — seja através da simples leitura da sua representação gráfica em partitura, seja com o auxílio de um instrumento. E mais: é músico aquele que ouve ativamente, criativamente, pois nem sempre colocar um disco no aparelho de som e sentar-se para ouvir o dado escolhido significa alienação... Nesse momento de escuta, o ouvinte pode muito bem estar dialogando inclusive criticamente com aquilo que está sendo reproduzido com o auxílio da técnica.

Vendo o panorama através desse prisma, percebe-se como que uma circularidade — compositor/intérprete/ouvinte-compositor — que aponta para uma espécie de processo. Hoje, em um universo visto não mais como algo fechado ou imóvel mas relativizado e em expansão, como o proposto pela física moderna, não existe razão para não aceitar a própria música como um processo. Certa faixa da produção musical da atualidade, radical na sua posição de vanguarda, dá provas concretas de acreditar nisso. Aqui

está um exemplo, de autoria do norte-americano La Monte Young (1935):

Composição 1960 nº 5

Deixe uma borboleta (ou qualquer número de borboletas) em liberdade na área do espetáculo. Quando a composição terminar, esteja certo de permitir que a borboleta possa voar para fora. A composição pode ter qualquer duração, mas se uma quantidade ilimitada de tempo for disponível, as portas e janelas podem ser abertas antes da borboleta ser solta; e a composição pode ser considerada terminada quando a borboleta voar para fora.

6.8.60

Querendo ou não, simplesmente ao ler esta representação gráfica de uma ação musical — partitura sem pentagramas, texto quase puramente referencial — você já realizou parte do que foi concebido pelo compositor. De uma maneira ou outra (no mínimo ao compreender esse texto), você concretizou na sua imaginação uma “interpretação”, só sua, dessa música. E se por acaso um dia resolver colocar esse projeto em prática para um grupo de amigos ou para a coletividade, estará atualizando uma das infinitas (n-1) possibilidades dessa matriz, já que a cada “execução” ela terá algo de diferente,

que variará da reação do público à cor da borboleta (ou borboletas)...

Se Guimarães Rosa conhecesse essa música, é bem possível que ele a chamasse de "Tutaméia". Pois para ele esta palavra significava "nonada, baga, ninhã, inâncias, ossos-de-borboleta, quiquiriqui, tuta-e-meia, mexinflório, chorumela, nica, quase-nada; *mea omnia*". Exato: um quase-nada que, para alguns, pode significar muito. Assim é a música, todas as músicas.

Para circunscrever o que desejava expressar através de uma única palavra, o escritor lançou mão de várias outras, gerando uma espécie de cadeia de sinônimos. E para se referir a todo um cosmo como o da música, como haveria de ser, então? O compositor russo contemporâneo Igor Stravinsky (1882-1971) disse, entre epigramático e enigmático: "a música expressa a si mesma".



Coleção Primeiros Passos

Paulo Evaristo Ams

O que é IGREJA



Abril Cultural/Brasiliense

INTRODUÇÃO

Quando São Pedro terminou o primeiro sermão, os ouvintes perguntaram a ele e aos demais apóstolos: *"Irmãos, que devemos fazer?"*

A resposta de Pedro foi esta: *"Convertei-vos e seja cada um de vós batizado, em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos pecados. Recebereis então o dom do Espírito Santo"*.

Cerca de três mil pessoas aceitaram o conselho.

A partir desta data, eles se mostraram assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações.

Os fiéis, unidos entre si, tinham tudo em comum.^{1 *}

Isto aconteceu em Jerusalém, depois da morte, ressurreição e ascensão de Jesus, no dia de Pente-

* As notas encontram-se ao final deste livro.

costes.

Mais ou menos 19 séculos depois, na periferia de uma de nossas grandes cidades, um grupo de pessoas se reúne todas as semanas, para ler os Evangelhos, em que se encontram os ensinamentos dos Apóstolos, para praticar a solidariedade entre si, que é a comunhão fraterna, para celebrar a Eucaristia, chamada antigamente "fração do pão" e para rezarem juntos.

No fim de cada reunião, distribuem tarefas, como visitas a doentes, ajuda a favelados e a menores abandonados, e recolhem as encomendas para as compras em comum.

Se você perguntar a este grupo por que faz isto, responderá sem hesitar: "Nós somos Igreja".

Talvez nem todos saibam explicar o que é a Igreja. Mas têm dela, como lembra o Papa Paulo VI, "uma experiência conatural, mesmo antes de formar para si noção reflexa".

Assim a Igreja não se apresenta como corpo estranho. Antes, realiza com os homens o que eles próprios, em seu íntimo, desejam fazer. Só aos poucos refletem, como nós iremos tentar neste livro, o que é mesmo esta Igreja, de que fazem parte viva e ativa. Assim terão a noção reflexa de que fala o Papa.



Coleção Primeiros Passos

Danda Prado

O que é FAMÍLIA



INTRODUÇÃO

O que é família?

A história da humanidade, assim como os estudos antropológicos sobre os povos e culturas distantes de nós (no espaço e no tempo), esclarece-nos sobre o que é a família, como existiu e existe. Mostra-nos como foram e são hoje ainda variadas as formas sob as quais as famílias evoluem, se modificam, assim como são diversas as concepções do significado social dos laços estabelecidos entre os indivíduos de uma sociedade dada.

Ninguém tem por hábito perguntar: "Você sabe o que é uma família?" A palavra FAMÍLIA, no sentido popular e nos dicionários, significa pessoas aparentadas que vivem em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Ou ainda, pessoas de mesmo sangue, ascendência, linhagem, estirpe ou admitidos por adoção.

Paradoxalmente, todos sabem o que é uma família já que todos nós somos parte integrante de alguma família. É uma entidade por assim dizer óbvia para todos. No entanto, para qualquer pessoa é difícil definir esta palavra e mais exatamente o conceito que a engloba, que vai além das definições livrescas.

A maioria das pessoas, por isso, quando aborda questões familiares, refere-se espontaneamente a uma realidade bem próxima, partindo do conhecimento da própria família, realidade que crêem semelhante para todos, e daí acabarem generalizando ao falar das famílias em abstrato.

Os tipos de família variam muito, como veremos no decorrer destas reflexões, embora a forma mais conhecida e valorizada de nossos dias seja a família composta de pai, mãe e filhos, chamada família "nuclear", "normal" etc.

Este é o nosso modelo, que desde criança vemos nos livros escolares, nos filmes, na televisão, mesmo que em nossa própria casa vivamos um esquema diverso.

As famílias, apesar de todos os seus momentos de crise e evolução, manifestam até hoje uma grande capacidade de sobrevivência e também, por que não dizê-lo, de adaptação, uma vez que ela subsiste sob múltiplas formas.

Jamais encontramos através da História uma sociedade que tenha vivido à margem de alguma noção de família. Isto é, de alguma forma de

relação institucional entre pessoas de mesmo sangue.

Nem mesmo nas sociedades que tentaram novas experiências, como a China com o questionamento da família tradicional, ou Israel com os kibutzim, onde as mulheres saem para trabalhar e as crianças vivem em comunidades. Nem nessas sociedades desapareceu a noção básica de família. Se generalizando desta forma torna-se difícil definir o que entendemos por FAMÍLIA, não é difícil indicar o que seria a NÃO FAMÍLIA.

Entre o indivíduo e o conjunto da sociedade existem os vários grupos profissionais, de identidade, ideológicos, religiosos, raciais, educacionais etc. Estes não englobam, no entanto, os indivíduos enquanto indivíduos, em toda a sua história de vida pessoal. Não incluem necessariamente, como na família, os recém-nascidos e os anciãos, o deficiente e o "normal". São grupos delimitados e temporários, no tempo e no espaço, com objetivos definidos.

A natureza das relações dentro de uma família vai se modificando, através do tempo. O aspecto mais problemático da evolução da família está sem dúvida alguma ligado ao questionamento da posição das crianças como "propriedade" dos pais e à posição econômica das mulheres dentro da família. Inclui-se aí o questionamento da distribuição dos papéis ditos especificamente masculinos ou femininos, e esse é um problema-

chave para o surgimento de uma nova estrutura social.

De fato, não se poderá mudar a instituição familiar sem que toda a sociedade mude também. Podemos afirmar ainda que qualquer modificação na organização familiar implicará também uma modificação dos rígidos papéis de esposa, mãe ou prostituta, os únicos atribuídos às mulheres. Quanto às crianças, há algum tempo já o Estado intervém entre os pais e filhos, sendo que na Suécia desde há pouco os pais são passíveis de denúncia pelos vizinhos, caso punam fisicamente seus filhos.

Através da escola, do controle sobre os meios de comunicação, de médicos e psicólogos, o poder dominante de cada sociedade mais ou menos sutilmente impõe normas educacionais, sendo difícil aos familiares contrariá-las. De uma maneira geral, no entanto, cabe ainda aos pais grande parcela de poder de decisão sobre seus filhos menores. Parcela essa cada vez mais contestada. A esse poder equivalem, por parte dos filhos, direitos legais em relação a seus pais, em particular no sistema capitalista. Direitos à assistência, educação, manutenção e participação em seus bens e proventos.

Ao inverso do que comumente pensamos, segundo o tipo de sociedade e a época vivida ou estudada, varia a composição dessa unidade social, a família, assim como seu modelo ideal.

Cada família varia também a sua composição durante sua trajetória vital, e diversos tipos de família podem coexistir numa mesma época e local. Por exemplo: casais que viveram numa família extensa, com mais de duas gerações dentro de casa, tornam-se nucleares pela morte dos membros mais velhos e, quando os filhos saem de casa, voltam a viver como uma família conjugal (somente um casal). Paralelamente, podem existir famílias naturais em virtude de fatores diversos, isto é, mulheres que não quiseram ou não puderam viver com um homem do qual tiveram um filho. Ainda nesse caso, a história individual pode levar essa mulher a casar-se num outro momento e compor uma família nuclear.

Uma mãe com filhos sem designação de um pai não constitui uma FAMÍLIA, mas sim uma FAMÍLIA NATURAL, ou INCOMPLETA, na classificação de sociólogos e demógrafos.

Há ainda os fatores culturais que determinam o predomínio de um tipo de família nuclear, como é o caso hoje em dia, por ser esse o modelo veiculado por determinada cultura, coexistindo com várias famílias que por fatores sócio-econômicos apresentam grande variedade em sua estrutura. Assim, nos Estados Unidos encontramos os membros da seita Mórmon que admitem a poligamia, o que é inadmissível para os outros grupos religiosos do país. Há famílias muçulmanas que desejam emigrar com destino a países onde a poligamia

é inaceitável.

Reiteramos: a família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da História e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado.

Como exemplo, basta refletirmos sobre a ambigüidade social relativa à mulher que dá à luz. À primeira vista, tratar-se-ia de uma mãe com o respectivo filho. No entanto, para ser considerada socialmente como mãe, não terá sido suficiente o lado biofisiológico do processo de gravidez e parto. É preciso, conforme a cultura à qual pertença, que tal processo tenha se dado segundo os usos e costumes e, até mais rigidamente, segundo as leis de Direito em vigência numa determinada sociedade e momento.

Disso temos vários exemplos. Até há pouco tempo atrás, no Brasil, uma criança assim nascida, sem o reconhecimento por parte do pai, teria em seus documentos de identidade o carimbo de "filho ilegítimo".

Na França contemporânea, os pais de uma parturiente menor de idade têm mais poder que ela para decidir sobre o destino do filho.

Isso nos demonstra de modo evidente o quanto o fator social é dominante sobre o fator natural.

A família, como toda instituição social, apresenta aspectos positivos, enquanto núcleo afetivo,

de apoio e solidariedade. Mas apresenta, ao lado destes, aspectos negativos, como a imposição normativa através de leis, usos e costumes, que implicam formas e finalidades rígidas. Torna-se, muitas vezes, elemento de coação social, geradora de conflitos e ambigüidades.

É freqüente termos melhores contatos com pessoas de fora do círculo familiar, pois as vemos diariamente, do que com os parentes, aos quais nos limitamos a telefonar ou a visitar de vez em quando, ou formalmente. A relação familiar se mantém, mas seu conteúdo afetivo se empobrece.

Assim, uma divergência em relação à escolha de um cônjuge pode afastar por longos períodos membros muito unidos de um grupo familiar, o que não os impede de estar presentes na memória histórica dos componentes aliados ou opostos a suas atitudes, ou de se encontrarem todos em reuniões comemorativas, eventos familiares etc. Os critérios de "lealdade" para com a família de origem ou a de reprodução muitas vezes são também conflitantes.

Como dizem os termos, família de origem é aquela de nossos pais; família de reprodução é aquela formada por um indivíduo com outro adulto e os filhos dela decorrentes.

Apesar dos conflitos, a família no entanto é "única" em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o

período da infância e da adolescência.

Talvez porque os laços de sangue (ou de adoção equivalente) criem um sentimento de dever, ninguém pode se sentir feliz se lhe faltar completamente a referência familiar.

Além dos laços de sangue, há os compromissos assumidos, como aqueles existentes entre marido e mulher. E também, porque não abordarmos isso aqui, entre uma criança e um pai "provável". Sabemos que só a mãe pode confirmar a paternidade exata de seu filho. Por parte do homem, limita-se a um "ato de fé" naquela mulher, ou em normas legais que lhe atribuem qualquer criança nascida na vigência de um casamento.

Famílias alternativas

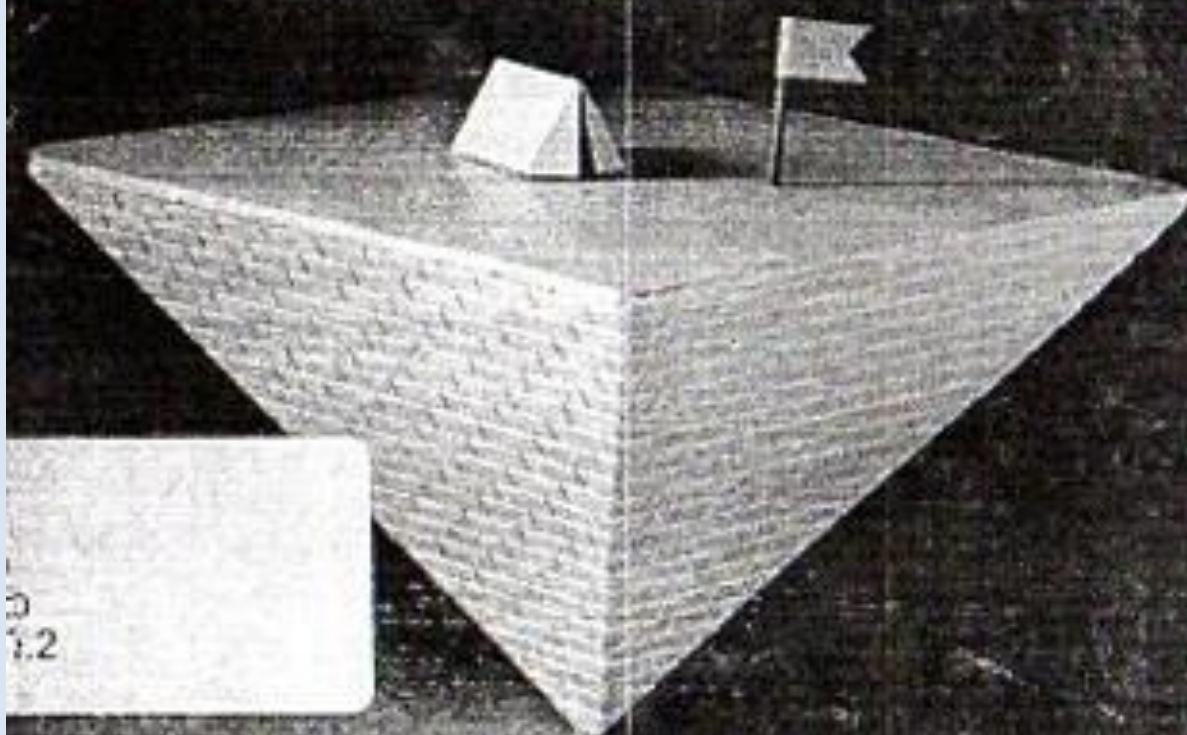
Hoje em dia, há diversas experiências substitutivas da família. Entre outras, as COMUNIDADES, que correspondem a tentativas para resolver os problemas enfrentados pela redução das famílias contemporâneas, por sua mobilidade, por suas dificuldades em geral em se relacionarem com outras de modo estável.

Vale a pena refletirmos sobre essas experiências. Tratam-se de, podemos dizer, fenômenos sociais cuja extrema variedade impede que sejam assimilados às outras formas de família. Pode-se dizer

Coleção Primeiros Passos

Teixeira Coelho

O que é UTOPIA



Abril Cultural / Brasiliense

UTOPIA, SEMPRE

Um traço que deve caracterizar o ser humano, ainda não embrutecido pela própria fraqueza ou pela realidade tremenda, é a liberdade que ele se reserva de opor ao evento defeituoso, à situação decepcionante, uma força contraditória. Essa força poderia chamar-se *esperança*; esperança de que aquilo que não é, não existe, pode vir a ser; uma espera, no sonho, de que algo se mova para a frente, para o futuro, tornando realidade aquilo que precisa acontecer, aquilo que tem de passar a existir.

Essa força talvez pudesse ser chamada, também, de força do sonho. Mas também esse seria um nome inadequado: acima de tudo, porque não somos nós que temos um sonho e, sim, o sonho que nos tem. Ele escapa a nosso controle, impõe-se a nós tanto quanto se insinua sobre nós essa realidade manca ou sufocante que precisa ser mudada.

E é necessário termos o controle dessa mudança, algum controle. Sonhar apenas, portanto, não serve.

Estaríamos mais perto do nome adequado a essa força de contradição se pensássemos na imaginação, essa capacidade de superar os limites frequentemente medíocres da realidade e penetrar no mundo do possível. E esta designação para aquela força não seria inconveniente se a imaginação fosse vista não como um amontoado de insanidades, diversas das provocadas pelo sonho apenas pelo fato de serem produzidas de olhos abertos, mas, sim, como uma das estruturas de sustentação da própria realidade e sem a qual esta não pode existir sob pena de retirar-se desse real aquele elemento criativo capaz de fazer da vida algo diferente de uma câmara escura, de um caixão de defunto.

Mas a imaginação necessária à execução daquilo que deve vir a existir não é a imaginação digamos comum, aquela que se alimenta apenas da vontade subjetiva da pessoa e se volta unicamente para seu restrito campo individual, detendo-se exclusivamente para propor coisas como montanhas de ouro. Tem de ser uma imaginação exigente, capaz de prolongar o real existente na direção do futuro, das possibilidades; capaz de antecipar este futuro enquanto projeção de um presente a partir daquilo que neste existe e é passível de ser transformado. Mais: de ser melhorado.

Essa imaginação exigente tem um nome: é a imaginação utópica, ponto de contato entre a vida e o

sonho, sem o qual o sonho é uma droga narcotizante como outra qualquer e a vida, uma seqüência de banalidades insípidas. É ela que, até hoje pelo menos, sempre esteve presente nas sociedades humanas, apresentando-se como o elemento de impulso das invenções, das descobertas, mas, também, das revoluções. É ela que aponta para a pequena brecha por onde o sucesso pode surgir, é ela que mantém em pé a crença numa outra vida. Explodindo os quadros minimizadores da rotina, dos hábitos circulares, é ela que, militando pelo otimismo, levanta a única hipótese capaz de nos manter vivos: mudar de vida.

Contrariamente àquilo que insistem em divulgar os defensores do realismo responsável – cuja única realização, além da demagogia, é a defesa da estagnação – a imaginação utópica não é delirante, nem fantástica. Ela parte, sim, de fatores subjetivos produzidos, num primeiro momento, apenas no âmbito do indivíduo. Mas, a seguir, ela se nutre dos fatores objetivos produzidos pela tendência social da época, guia-se pelas possibilidades objetivas e reais do instante, que funcionam como elementos mediadores no processo de passagem para o diferente a existir amanhã. Não é fantasia inconseqüente (pelo contrário: deve ter seqüência), mas tampouco se deixa nortear e corrigir pelo dia-a-dia, pelo terra-a-terra: seu lastro é o da realidade da própria antecipação visada, a única realidade plausível que existe. É que se torna responsável pelo fato de

essa imaginação não ser um simples sonho abstratamente utópico e, sim, uma imaginação utópica concreta.

Que também nada tem a ver com as profecias, as adivinhações, a futurologia. Todas estas jogam, a rigor, com aquilo que existe, com os dados concretos sem, no entanto, transpô-los para uma situação diversa. Mais importante: elas descrevem contextos que deverão se impor ao homem, faça este o que fizer (marcadas que estão pela vontade quase sempre inconfessa de submeter-se ao destino), enquanto a imaginação utópica trabalha com os dados reais e, também, com a vontade do homem, que permanece no controle do projeto. Mesmo porque a imaginação utópica é um projeto, algo que o homem lança à sua frente para, a seguir partir em busca de sua consecução. A profecia é a visualização do não sabido, do desconhecido; a imaginação utópica é a projeção do sabido, do consciente. A imaginação utópica luta pela materialização de um desejo que estivera antes, talvez e no máximo, ao nível do inconsciente; a profecia extravasa os limites do desejado pelo homem para ir remexer naquela zona de passividades e conformismos que é o destino, isto é, o sabido não pelo homem mas por um hipotético super-homem, freqüentemente um deus. A profecia, a adivinhação são antecipativas: as coisas acontecerão da maneira prevista. A imaginação utópica é propositiva: as coisas, que devem acontecer daquela maneira, *poderão acontecer se o*

homem quiser; o homem necessita querer, mas pode não fazê-lo. Pode nutrir hostilidade contra os desejos orientados para e pelo futuro, por temer esse futuro, por estar inseguro das coisas em geral e, no fundo, de si mesmo; por ser um conservador, em suma — e neste caso a imaginação utópica não se concretiza.

A profecia impõe ao homem algo que lhe é exterior. Mas a imaginação utópica trata de encontrar os meios através dos quais aquilo que é interior ao homem venha para o exterior, fazendo com que este se assemelhe àquele.

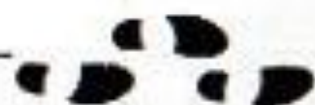
E esse é o ponto a destacar: a imaginação utópica é interior ao homem, isto é, é algo de seu íntimo, é íntima dele, lhe é inerente. Não pode ser seccionada dele sob pena de pô-lo à morte. Ao contrário do que sempre repetem os burocratas — que com justa razão vêem no exercício dessa imaginação um perigo a suas vontades totalitárias — a imaginação utópica é uma função própria e constante do homem, e não algo cujas manifestações caracterizam-se como alucinações, esporádicas e ocasionais. Ela não se evidenciou apenas em determinados momentos da história e menos ainda dispensa configurar-se hoje, hipotética e suposta época de plenas realizações. Isso é o que dizem aqueles para quem somente mundos inteiramente ordenados e previsíveis — isto é, mundos não afetados pela imaginação utópica ou pela simples imaginação — devem constituir a aspiração do homem; aqueles

que paranoicamente aspiram a conduzir seus semelhantes por desgraçadamente acreditarem na própria "iluminação" distorcida ou, mais frequentemente, por se curvarem a interesses mesquinhos. Ao contrário do que querem estes, cujo mundo interior é um deserto de onde até os oásis estão ausentes, a imaginação utópica é para ser exercida a todo momento, na escola e na política, passando pela vida amorosa. Ao contrário do que pretendem, a imaginação utópica é uma necessidade e um direito, a sobrepor-se aos apelos e exigências amortalhantes feitos pelo real, pela "realidade".

E direito que não se contenta com o sonho, apenas; essa imaginação não quer perpetuar-se indefinidamente como sonho, quer transformar-se em algo de preciso, aspira a ter seu objeto numa proximidade imediata. Mas, não se alegrem os burocratas estéreis: a imaginação utópica não se esgota com a realização de seu objetivo. Mesmo quando este se apresenta como algo concreto, como resultado da ação utópica, há um resto que permanece para ser retomado por outra imaginação utópica do mesmo homem, do mesmo grupo social. Há sempre um excedente utópico a funcionar como mola de um novo ciclo imaginativo, há sempre algo de irrealizado que busca realizar-se numa nova projeção.

A imaginação utópica se impõe, quer desenvolver-se. Sempre existiu e continuará existindo, sob pena, em caso contrário, de aniquilamento do homem. Advertências tão evidentes como esta de-

veriam assustar e fazer efeito. Mas, não: o homem, pela vontade consciente de alguns e pela omissão da maioria — e como demonstra a insânia nuclear, a “pacífica” e a militar —, vem demonstrando, se não uma tendência para o suicídio, pelo menos uma resignação com a possibilidade do aniquilamento total que o sufocamento da imaginação utópica só faz aumentar. Nesse quadro, fazer agitar a idéia multicolorida da utopia é uma obrigação cotidiana indispensável ao reatamento dos laços com um passado ocasionalmente generoso (porque utópico) de que somos resultado, e necessária como energia, hoje um tanto carente, para a movimentação do projeto que, só ele, pode nos resgatar.



Coleção Primeiros Passos

Marisa Lajolo

O que é LITERATURA



Nova Cultural / Brasillense

I

Não faz tanto tempo, o mundialmente famoso sociólogo norte-americano Marshal McLuhan cometeu a especial delicadeza de dizer a um grupo de escritores reunidos num congresso do Pen Club que eles, escritores, eram nada mais nada menos do que "os últimos sobreviventes de uma espécie em vias de extinção" pois "já não serve para nada escrever e publicar livros" (*Teoria da Literatura*).

Um livro que — exatamente por ser um livro — registra e difunde o prognóstico de McLuhan, defende opinião oposta, assinada pelo professor Vítor Manuel de Aguiar e Silva: "a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do ho-

mem. Foi assim com Ésquilo e com Ovídio, com Petrarca e com Shakespeare, com Racine e com Stendhal, com Eça e com James Joyce; continua a ser assim com Sartre e com Beckett, com Jorge Amado e com Nelly Sachs, com Norman Mailer e com Cholókhov, com Miguel Torga ou com Herberto Helder. E assim há de continuar a ser com os escritores de amanhã. Apenas variará o tempo e o modo" (*idem*).

Mas, tanto McLuhan quanto Vítor Manuel são pessoas muito especiais: são intelectuais, pensadores, produtores de conhecimento. Frequentam congressos, escrevem livros, têm sua opinião ouvida, discutida, comentada. Assim, por mais divergentes e contraditórios que sejam seus pontos de vista sobre a literatura, há algo comum entre eles: ambos assumem suas posições a partir de uma tradição cultural que vem se construindo há séculos. *O que é literatura*, para qualquer um deles — como para qualquer intelectual de sua classe e quilate — exige uma resposta que retoma, atualiza e prolonga tudo o que já foi, até hoje, pensado sobre o assunto.

Para encurtar a conversa, a posição que cada um deles assume perante a literatura é uma posição *culta*, inserida numa tradição cultural que, se tem o respaldo de muitos séculos, tem também a civilização burguesa por horizonte.

Aquém e além deles, uma multidão de gente anônima: você, eu, nós todos eventualmente já nos perguntamos e já nos respondemos *o que é litera-*

tura. Perguntas permanentes, respostas provisórias. Tão permanentes umas e provisórias outras quanto o são as perguntas e respostas com que lidam os intelectuais do time dos McLuhan e Vítor Manuel. Só que sem o reflexo do espelho, das citações, dos interlocutores.

Então, em igualdade de condições, é arregaçar as mangas e pagar pra ver.

Coleção Primeiros Passos

Roosevelt M. S. Cassorla

O que é SUICÍDIO



Abril Cultural / Brasiliense

INTRODUÇÃO

Se você que está iniciando a leitura deste livro alguma vez já pensou em suicídio, e está curioso em conhecer mais sobre o tema, espero que isso se torne realidade. Mas, já lhe adianto que, como você, a grande maioria das pessoas já teve esse pensamento alguma vez em sua vida.

Se você que vai ler este livro tem alguma pessoa próxima que tentou matar-se, ou se matou, saiba que o suicídio, em si, não é um ato que tenha qualquer componente hereditário. No entanto, algumas vezes, o ato suicida deixa marcas mais ou menos profundas nos indivíduos que conviveram com o suicida, trazendo sofrimento e podendo, às vezes, levá-lo a pensar em repetir o ato.

Se você que está lendo esta obra vem pensando em matar-se, espero que possa compreender algumas das motivações de seus pensamentos. E perceba que, com auxílio profissional, poderá discernir melhor a força de fatores constitucionais, biológicos, psicológicos e sócio-culturais no

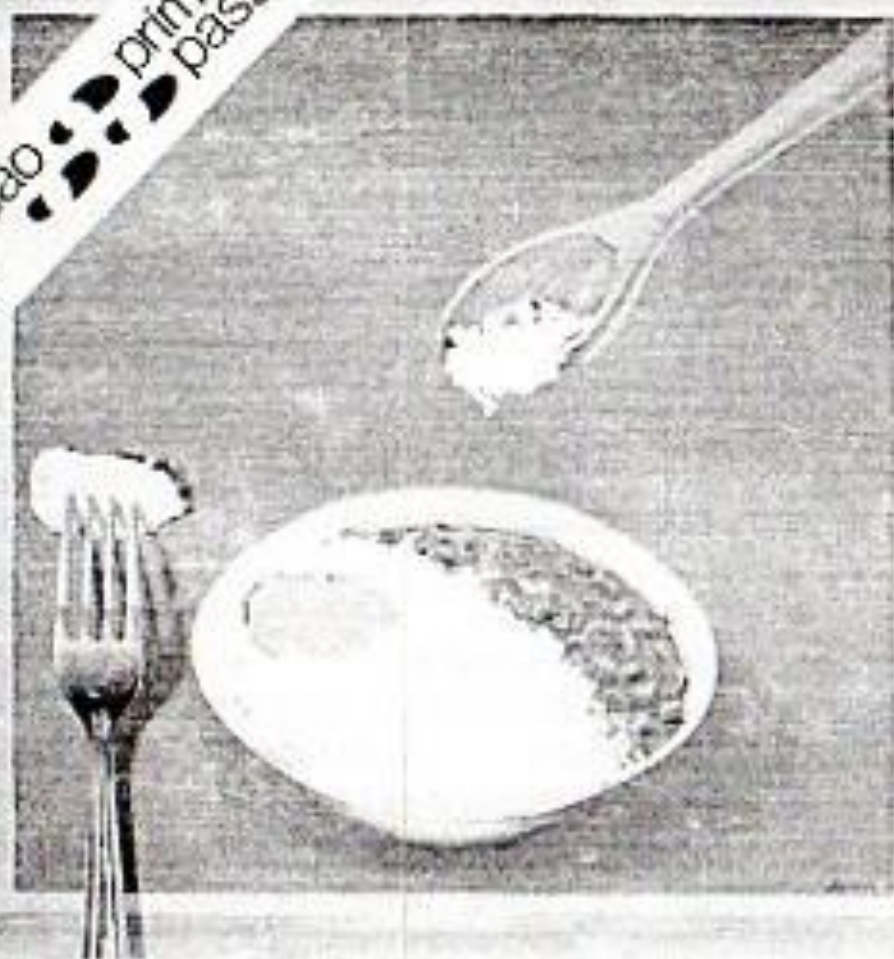
seu sofrimento, que compreendidos poderão ser combatidos com várias armas terapêuticas. Notará também que a maioria das pessoas que pensam em suicidar-se, talvez como você, está descrente e não consegue ver qualquer saída. E que essas saídas existem e serão encontradas, desde que você se permita ser ajudado.

E se você que está me lendo nunca teve qualquer pensamento ou experiência com suicídio, espero que eu possa também ajudá-lo a compreender algo sobre mecanismos mentais, que todos nós utilizamos, e como esses mecanismos interagem com fatores ambientais. Na verdade, a mente do suicida não é diferente da mente de qualquer pessoa: apenas alguns mecanismos se tornam mais intensos, ou interagem entre si de uma forma que causa sofrimento.

Proponho-me, portanto, a discutir com o leitor algumas facetas dos atos suicidas. É um assunto complexo porque envolve a influência de inúmeros fatores; assim, o suicídio pode ser abordado dos pontos de vista filosófico, sociológico, antropológico, moral, religioso, biológico, bioquímico, histórico, econômico, estatístico, legal, psicológico, psicanalítico etc. E todas essas visões se interpenetram. Face aos objetivos desta coleção serão apenas pinceladas várias dessas visões e, devido às minhas características pessoais, enfatizarei mais os aspectos psicanalíticos, em sua interação com o sócio-cultural, tornados compreensíveis para o leigo. No final do volume o leitor encontrará referências bibliográficas sobre o tema, comentadas, que poderão proporcionar-lhe um aprofundamento.



coleção primeiros passos
46



Jorge Coli
O QUE É
ARTE

13.^a
edição

editora brasiliense

INTRODUÇÃO

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçionamo-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. Desse ponto de vista, a empresa é desencorajadora: o esteta francês Étienne Gilson, num livro notável, *Introdução às Artes do Belo*, diz que "não se pode ler uma história das filosofias da arte sem se sentir um desejo irresistível de ir fazer outra coisa", tantas e tão diferentes são as concepções sobre a natureza da arte.

Entretanto, se pedirmos a qualquer pessoa que possua um mínimo contacto com a cultura para nos citar alguns exemplos de obras de arte ou

de artistas, ficaremos certamente satisfeitos. Todos sabemos que a Mona Lisa, que a Nona Sinfonia de Beethoven, que a Divina Comédia, que Guernica de Picasso ou o Davi de Michelangelo são, indiscutivelmente, obras de arte. Assim, mesmo sem possuímos uma definição clara e lógica do conceito, somos capazes de identificar algumas produções da cultura em que vivemos como sendo "arte" (a palavra cultura é empregada não no sentido de um aprimoramento individual do espírito, mas do "conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade", para darmos a palavra ao *Novo Aurélio*). Além disso, a nossa atitude diante da idéia "arte" é de admiração: sabemos que Leonardo ou Dante são gênios e, de antemão, diante deles, predispomo-nos a tirar o chapéu.

É possível dizer, então, que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é, pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa idéia e como devemos nos comportar diante delas.

Infelizmente, esta tranquilidade não dura se quisermos escapar ao superficial e escavar um

pouco mais o problema. O Davi de Michelangelo é arte, e não se discute. Entretanto, eu abro um livro consagrado a um artista célebre do nosso século, Marcel Duchamp, e vejo entre suas obras, conservado em museu, um aparelho sanitário de louça, absolutamente idêntico aos que existem em todos os mictórios masculinos do mundo inteiro. Ora, esse objeto não corresponde exatamente à idéia que eu faço da arte.

Para me distrair um pouco, discretamente tomo emprestada do meu irmãozinho uma revista em quadrinhos de terror. Mais tarde, visito um amigo intelectual que possui magnífica biblioteca, e nela encontro uma suntuosa edição italiana consagrada a Stan Lee, reproduzindo a mesma história em quadrinhos que eu havia lido há pouco num gibizinho barato. Meu amigo me ensina que Stan Lee é um grande artista e, por sinal, a introdução, elaborada por um professor da Universidade de Milão, confirma seus dizeres. Eu nem imaginava que uma história em quadrinhos pudesse ter autor, quanto mais que esse autor pudesse ser chamado artista e sua produção, obra de arte.

Coisa parecida acontece com um cartaz publicitário observado na rua, cujo desenho original descubro em exposição temporária de um museu. Em certa mostra de arte popular, deparo com uma colherona de pau, tal e qual minha avó há muito tempo usava para fazer sabão de cinza numa fazenda do interior. Um amigo meu, professor

de literatura francesa, entusiasma-se pelas memórias de Charles de Gaulle, e me garante que o célebre estadista é também um grande escritor. A arqueologia, que desenterrou tantas obras de arte extraordinárias, trouxe igualmente à luz inúmeros objetos que são testemunhos históricos: dentre eles, quais são, quais não são obras de arte?

Estas situações mostram-nos assim que, se a arte é noção sólida e privilegiada, ela possui também limites imprecisos. E a questão que há pouco propusemos — como saber o que é ou não obra de arte — de novo se impõe.

Já vimos que responder com uma definição que parta da "natureza" da arte é tarefa vã. Mas, se não podemos encontrar critérios a partir do interior mesmo da noção de obra de arte, talvez possamos descobri-los fora dela. Não existiriam em nossa cultura forças que determinem a atribuição do qualificativo *arte* a um objeto? E aí, tudo se ilumina: como sei que Stan Lee é um artista? Porque o professor da Universidade de Milão o afirma. Como sei que a colher de pau de minha avó é um objeto de arte? Porque a encontrei num museu.

Para decidir o que é ou não arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o

historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. Nossa cultura também prevê locais específicos onde a arte pode manifestar-se, quer dizer, locais que também dão estatuto de arte a um objeto. Num museu, numa galeria, sei de antemão que encontrarei obras de arte; num cinema "de arte", filmes que escapam à "banalidade" dos circuitos normais; numa sala de concerto, música "erudita", etc. Esses locais garantem-me assim o rótulo "arte" às coisas que apresentam, enobrecendo-as. No caso da arquitetura, como é evidentemente impossível transportar uma casa ou uma igreja para um museu, possuímos instituições legais que protegem as construções "artísticas". Quando deparamos com um edifício tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional podemos respirar aliviados: não há sombra de dúvida, estamos diante de uma obra de arte.

Desse modo, para gáudio meu, posso despreocupar-me, pois nossa cultura prevê instrumentos que determinarão, por mim, o que é ou não arte. Para evitar ilusões, devo prevenir que, como veremos adiante, a situação não é assim tão rósea. Mas, por ora, o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai.

